

## QUESTÕES FUNDAMENTAIS DA REVOLUÇÃO SOCIAL

PLÍNIO CABRAL

I

O homem, sendo livre e responsável, desempenha o papel fundamental no curso do desenvolvimento histórico. Da ação consciente dos homens é que depende o rumo da História e da Organização Social.

Existem, entretanto, na sociedade, processos objetivos que se realizam independentemente da vontade humana. Tal é o caso da lei da oferta e da procura. Desde que se estabeleceram as primeiras trocas, mesmo rudimentares, atuou o mecanismo de "oferecer e procurar", regendo, não apenas a troca, mas a própria produção. Enquanto esse processo desenvolveu-se sem a interferência do Homem, a Sociedade mergulhou em crises, convulsões e guerras. Mas quando o Homem, compreendendo o fenômeno objetivo, sobre ele atuou, cessaram as crises e convulsões, mesmo em regimes econômicos diferentes.

A Revolução Social é, também, um processo objetivo que pode se realizar independentemente da vontade do Homem. Mas o caminho, o rumo que ela venha a tomar, determinando esta ou aquela forma de poder e de organização política, depende, fundamentalmente, da posição que o Homem assume para aproveitar ou esbanjar, para valorizar ou desvirtuar, as oportunidades de intervir no curso dos acontecimentos.

Revolução não significa violência. Muitas vezes há choques e derrames de sangue sem que haja qualquer revolução. Aliás, as desordens são sempre passageiras. Na vida o estado natural é o equilíbrio e a harmonia. Isto não significa estagnação, mas movimento — precisamente: "equilíbrio universal em movimento". Quando esse equilíbrio se rompe, torna-se necessária uma revolução (violenta ou não, isto depende, exatamente, da capacidade do Homem em intervir no curso da História) para restabelecer a harmonia natural.

A Revolução Social é um processo histórico que se verifica ao longo das gerações, partindo do simples para o complexo, do inferior para o superior, de formas e conceitos não aceitos para formas e conceitos que se tornam naturalmente aceitos e que, por sua vez, passam a ser obsoletos e,

então, violentamente negados. Assim, para exemplificar, há menos de 100 anos a escravidão era aceita e justificada em nosso País e poucos a combatiam. Aquêles que combatiam a escravidão eram presos e perseguidos como inimigos da ordem. Hoje se alguém, porventura, disser que necessitamos transformar os pretos em escravos, não será tomado a sério. E se êle insistir em levar à prática seu intento, será prêso e internado como louco. Verificou-se, assim, uma transformação radical na conceituação de um mesmo problema num curto espaço de tempo.

A Revolução Social, sendo um meio para aperfeiçoar os instrumentos que expressam a vontade coletiva, tem diferentes estágios. No seu processo um estágio pode negar outro a fim de estabelecer o equilíbrio eventualmente perdido. A sociedade patriarcal primitiva não era escravista. Depois ela teve uma leve servidão e, por fim, tornou-se violentamente escravista. Essa mão-de-obra escrava, capaz de produzir excedentes comerciáveis, deu as bases do desenvolvimento grego e romano. A escravidão, pois, foi em determinada época, progressista. Depois tornou-se obsoleta e terminou por levar à ruína aquêles Estados que não souberam compreender êste fato nôvo: uma etapa do desenvolvimento havia findo e outra — a do trabalho livre, porém ainda ligado à gleba — sobreviera. Desta forma, uma etapa do desenvolvimento negou outra, para afirmar nôvo tipo de organização social.

No Brasil já disseram que o problema dos operários era "uma questão de polícia". Cêrca de 10 anos depois organizava-se tôda uma legislação em defesa do trabalhador. Isto não significa apenas uma conceituação casual do problema. Mostra duas épocas diferentes, duas etapas da Revolução Social.

O capitalismo cresceu graças ao fato de que podia, nos seus primórdios, organizar a produção sem considerações de ordem humana. A Inglaterra vitoriana era a demonstração mais evidente do capitalismo primitivo: crianças de 10 anos trabalhando de 12 até 16 horas por dia em teares arcaicos, morrendo como moscas, sufocadas na poeira das fábricas. Mas a Inglaterra atual, com um poderoso movimento sindical, é um exemplo de harmonia no trabalho. Além do mais, ninguém hoje conceberia, na Inglaterra ou mesmo no Brasil, crianças de 10 anos trabalhando 16 horas por dia. Isto não teria sentido social e, fundamentalmente, não aportaria rentabilidade maior. A técnica avançou, fazendo com que surgissem novas formas de relações humanas. O homem desenvolveu-se cultural e espiritualmente. Alcançou-se uma nova dimensão nas relações coletivas. Um humanismo atuante impede e nega a exploração do trabalho em têrmos de animalização de um ser.

A Revolução Social, pois, é permanente e ascensional. Ela nasceu com a primeira organização tribal do homem e processa-se ainda em nossos dias. Prosseguirá até os confins da existência do mundo.

Mas essa Revolução Social, por isso mesmo, pode gerar crises violentas. Quando uma forma de produção torna-se obsoleta e velha, quando as relações sociais, as relações de trabalho e produção entre homens, já não correspondem às necessidades coletivas — e as classes dirigentes não encontram uma solução harmônica — então sobrevém a crise. Por exemplo: quando uma coletividade trabalha muito e não produz o suficiente para viver, isto significa baixa produtividade. Todo e qualquer tipo de Governo que se estabeleça nessa coletividade estará fadado ao fracasso. Êle pode ser monárquico, republicano, ditatorial, terrorista, fascista ou comunista — mas não terá estabilidade, simplesmente porque a questão fundamental da organização

social não foi resolvida. Essa questão é o equilíbrio entre a produção e as necessidades coletivas. Agora mesmo a Rússia vive uma crise política, onde os homens são substituídos constantemente no Poder. Essa crise política tem por base os problemas da produtividade agrícola, para a qual os comunistas até agora não encontraram solução.

O Brasil vive, também, uma crise no processo de sua Revolução Social. Recentemente o Ministério da Saúde informou que morrem, em nosso País, 1.300 crianças por dia. Nossa população cresce a uma taxa de 3,6 por ano. É uma das taxas de crescimento mais elevadas do mundo. Mas a nossa produção não acompanha êsse crescimento.

Nós somos, assim, um País em marcha para a fome absoluta. Isto não é uma opinião que se possa discutir. É um fato. Dêle decorre nossa crise. Nenhum povo subsiste se não encontrar soluções para as crises do desenvolvimento social.

Os grandes impérios desapareceram não apenas em virtude de derrotas militares, mas fundamentalmente porque tais derrotas coincidiram com o desmoronamento interno. Não raro os historiadores chamam êsse desmoronamento de "falta de visão das elites" ou, ainda, "corrupção e dissolução dos costumes". Na realidade tais fatores são apenas conseqüências. A causa verdadeira está no sistema econômico, na maneira de produzir, que se torna obsoleta e já não atende mais as necessidades coletivas. Ramsés II pôde ser batido violentamente pelos Hititas a ponto de aceitar o primeiro tratado de paz que a História conhece. Mas o Império Egípcio permaneceu estável e firme. Os descendentes de Ramsés, entretanto, frente a insucessos militares bem menores, não puderam manter a integridade do País, que se desmoronou. É que o trabalho escravo — base da produção — com o pequeno excedente produzido, já não podia manter a enorme e crescente casta sacerdotal e nobre, o aparelho burocrático e um grande exército permanente. Mais do que os inimigos externos, foi a baixa produtividade que levou o Egito a desmoronar-se espetacularmente.

A baixa produtividade pode derrotar o Brasil de hoje. Nossos filhos poderão herdar, não uma grande potência, mas um retalho geográfico dividido em condomínio entre as nações que souberam resolver os problemas de suas revoluções sociais. Ou, então, poderemos cair numa ditadura violenta, de esquerda ou de direita, que, embora resolvendo alguns problemas imediatos da Revolução Social, abrirá um hiato de decênios no desenvolvimento cultural da coletividade. É que a solução violenta do conflito social gerando uma ditadura hermética, leva à estagnação do pensamento. E isto pode estabelecer, finalmente — sempre com muito custo — um nôvo conflito social de proporções inimagináveis, porque o pensamento, na medida em que o homem progride, influi cada vez mais nas relações econômicas da coletividade. Disso resulta, também, a possibilidade de soluções harmônicas para as grandes crises, desde que exista, de forma atuante, um grupo de pensadores capazes de assegurar, em cada etapa da Revolução Social, as modificações necessárias na estrutura econômica.

## II

Nem sempre o grande conflito — como muitos pensam — é entre a Rússia e os Estados Unidos. Tal conflito existe, assumindo, não raro, aspectos

perigosos. Na realidade os dois sistemas são antagônicos, embora nos últimos tempos verifiquem-se concessões de parte a parte. O grande conflito, entretanto, é entre os povos subdesenvolvidos e os povos altamente desenvolvidos. E isto é tão forte, tão poderoso, que transpõe as barreiras ideológicas, até agora tidas como as mais fortes. Na área dita capitalista, os povos subdesenvolvidos não olham com bons olhos as grandes potências — Estados Unidos, França, Inglaterra e Alemanha. Na área dita socialista, a China, a Iugoslávia, a Rumânia e Albânia opõem-se, com não menos vigor, à União Soviética. Não esqueçamos que a Albânia rompeu com a URSS porque desejava de graça, como “ajuda fraternal na luta contra o imperialismo”, um grupo inteiro de instalações industriais... Não raro os jornais noticiam ameaças e críticas de países deste hemisfério aos Estados Unidos pela falta de “ajuda financeira para a luta contra o comunismo...”

O problema é o mesmo. Muda-se apenas a linguagem.

No mundo, pois, o grande conflito na etapa atual da Revolução Social é a contradição entre os países subdesenvolvidos e os países desenvolvidos, inclusive quando situados no mesmo campo ideológico. Isto não quer dizer que não existem, internamente, grupos e partidos tentando a conquista do Poder para levá-lo à órbita desta ou daquela potência o que, evidentemente, poderá amenizar os choques dentro do bloco, mas não resolverá a contradição básica entre “desenvolvidos e subdesenvolvidos”.

Dentro de cada País há, por sua vez, os choques decorrentes de sua própria Revolução Social. Nos países desenvolvidos, por exemplo, a contradição não atinge os métodos e formas de produção, pois eles estão em consonância com as necessidades coletivas. Verifica-se, apenas, um choque no terreno das idéias, choque que influi na infra-estrutura. Por exemplo: nos Estados Unidos há uma tendência para a democratização do capital e, ao mesmo tempo, sob forte pressão de um poderoso movimento sindical, há o atendimento de crescentes reivindicações operárias. Na Rússia a juventude deseja um mínimo de liberdade. É o que os russos chamam de “tendência para a ocidentalização”.

Num regime ditatorial como o russo, entretanto, a força das idéias não tem curso livre e sua influência sobre o sistema econômico é quase nula.

Nos países subdesenvolvidos, internamente, a contradição é violenta, e ela advém do sistema de produção que não condiz com as necessidades nacionais. A China procurou resolver esta contradição de duas formas: primeiro — pela instalação de uma ditadura comunista, o que foi possível graças à cegueira das camadas dirigentes; segundo — pelo processo tradicional de expansão exterior. Daí o ataque ao Viet Name e as tentativas de invadir a Índia, além de alguns olhares cobiçosos para a Sibéria, dando não poucas preocupações aos governantes russos que, por sua vez, procuram a adesão dos países subdesenvolvidos da África, Oriente Médio e da América Latina.

Qual será o resultado do conflito nos outros países? Nos países do chamado “campo democrático?” Que rumo tomará a Revolução Social em nosso País?

O rumo da Revolução Social depende de vários fatores. Em primeiro lugar é necessário encarar a realidade, tomar consciência dos fatos e buscar soluções objetivas. Quem pensa resolver tudo sufocando as reivindicações populares está apenas, tentando tapar o sol com a peneira. Geralmente são os águia a moinho daqueles que pretendem combater, isto é, dos comunistas.

Para ter uma compreensão da realidade, uma compreensão objetiva, é necessário alto desenvolvimento cultural, espírito de pesquisa científica, coragem e, sobretudo, capacidade para abrir mão, inteligentemente, de certos privilégios.

Quando se iniciou a luta pela unificação da Itália, muitos nobres a isto se opuseram, já que teriam de abdicar do poder absoluto e ilimitado nos seus pequenos feudos. Outros nobres, entretanto, compreendendo a irreversibilidade do movimento, definiram a situação com irônica e cínica sabedoria, dizendo: “É preciso mudar tudo para que não mude nada”. Em outras palavras: era necessário realizar as modificações exigidas pelo tempo para que o processo de desenvolvimento da Revolução Social fôsse conduzido sem uma ruptura violenta entre as diferentes camadas sociais. Setores importantes das classes dirigentes compreenderam isto e atuaram no sentido de efetivar as modificações necessárias. Isto é muito importante, pois a sociedade não se modifica, no sentido progressista, apenas espontaneamente. Quando o conflito social não tem uma solução, seja ela qual fôr, a coletividade desaparece como tal. Caem os impérios. Os Estados entram em decomposição.

Daí a importância da ação do homem, dos dirigentes mais esclarecidos, no processo da Revolução Social.

Se as camadas dirigentes não compreendem o fenômeno social e afastam-se da realidade, as forças extremistas assumem a liderança do movimento, movimento que existe independentemente da nossa vontade e tem sua característica principal no desejo permanente do homem em melhorar suas condições de vida. Temos, então, a vitória do comunismo ou do fascismo. Foi o que aconteceu na Rússia, depois na Itália, na Alemanha e finalmente, na China. Como as camadas dirigentes não encontraram, por inépcia total, soluções para o conflito social, os extremistas assumiram a liderança, provocando a ruptura no processo do desenvolvimento, estabelecendo, através da violência, formas diferentes de produção.

Ali onde, por tradição, sabedoria e clarividência, os círculos dirigentes compreenderam o fenômeno da crise social, encontrou-se a solução para o desenvolvimento, sem uma ruptura do modo de vida.

É o caso do “New Deal” americano com a visão de Roosevelt, para falar apenas num exemplo. E Roosevelt, a quem a América deve a salvação das crises que iam liquidando com seu modo de vida, era acusado de comunista exatamente por aqueles setores que, se tivessem predominado, teriam levado a Nação ao caos e sabe-se lá a que tipo de regime.

No Brasil as classes dirigentes são muito atrasadas. De um modo geral os políticos em nosso País enxergam a árvore, mas não conseguem ver a floresta. O resultado é que vagamos, há mais de 30 anos, ora para a direita, ora para a esquerda — e sempre com os mesmos problemas, isto é, com os mesmos métodos e processos de produção. Muda-se a tripulação. Mas o barco é o mesmo.

Jamais um político brasileiro — a não ser por demagogia inconseqüente — teve a coragem de dizer o que disse Kennedy em seu discurso de posse: “Aos que vivem em choças e aldeias, em metade do Globo, lutando por romper as cadeias da miséria, prometemos nossos melhores esforços para ajudá-los se ajudarem, durante o tempo que fôr preciso, não porque os comunistas estão fazendo, não porque queremos seus votos, mas porque é justo. Se

a sociedade livre não puder ajudar os muitos que são pobres, não podem jamais salvar os poucos que são ricos". Não é uma grande verdade?

Além dessa falta de coragem para encarar a realidade, as camadas dirigentes, em nosso País, cometem os erros clássicos já cometidos em outras nações cujo destino terminou na tragédia que esses dirigentes tanto temem — a ditadura comunista.

Uma das características fundamentais das camadas dirigentes em países como o nosso é a sua falta de unidade. Isto se deve a uma visão estreita do processo em que se realiza a Revolução Social, a um egoísmo personalista sem limites e, enfim, à cegueira que caracteriza todo aquele que só sabe ver seus interesses pessoais imediatos, não tendo visão nem perspectiva da história. Estão vendo o dia de hoje. Mas são incapazes de ver o dia de amanhã. Isto não é novidade. Na China aconteceu, precisamente, assim. Diz Mao Tse Tung, explicando porque era possível ao Partido Comunista controlar porções do território chinês em 1930: "Este raro fenômeno só pode ocorrer junto com outro raro fenômeno, a saber: a luta dentro do próprio regime reacionário. As prolongadas divisões e guerras dentro do regime reacionário proporcionam as condições para que, sob a direção do Partido Comunista, possam aparecer uma ou várias pequenas áreas comunistas e manter-se sob o cerco das forças reacionárias".

Mas Tse Tung tinha razão. A divisão constante no campo inimigo terminou por dar-lhe a vitória final. A isto somava-se, evidentemente, o fato de que as grandes reivindicações das massas chinesas não eram atendidas. Pretendia-se, em pleno século vinte, manter uma Nação inteira sob o tacão de nobres ultrapassados.

É engano pretender que nada seja necessário fazer porque não existem forças atuantes a ameaçar a estrutura social, ou melhor — o Governo. Isto é muito comum no Brasil de hoje. Alega-se que o Partido Comunista está enfraquecido, que o movimento sindical de esquerda foi desbaratado, que o Exército controla tudo e que, portando, reina tranqüilidade.

É um erro trágico.

A força de um governo não reside nisso, mas sim na unidade política na consciência nacional do povo e na capacidade de apresentar soluções objetivas para as grandes reivindicações e anseios populares. Diz Mao Tse Tung teórico da revolução comunista nos países subdesenvolvidos: "Ainda que as forças da revolução comunista atualmente (1930) sejam débeis, também são débeis todos os órgãos do Governo que tem sua base de sustentação apoiada na frágil e atrasada estrutura econômica e social da China". Mais adiante Mao Tse Tung mostra porque a Revolução podia surgir na China e não podia surgir na Europa Ocidental. Diz êle: "Isto explica porque a revolução não pôde surgir neste momento nos países da Europa Ocidental onde, embora as forças de revolução sejam mais fortes do que na China, as forças das classes governantes são muitas vezes mais fortes do que em nosso País".

O Governo da China, entretanto, parecia ser muito forte. Pelo menos era o que apregoava.

Mas a realidade era bem outra. Faltava-lhe base social e, principalmente, unidade política.

Êle não trazia nada de novo a uma Nação que queria viver, renovar-se e modernizar-se — numa palavra: comer, vestir, aprender. Além disto, car-

peava a corrupção e o Governo dividia-se e subdividia-se para atender aos apetites de todos os politíqueiros.

E o povo chinês? Que desejava o povo? Queria, por acaso o comunismo? Era êste o desejo dos milhões de camponões famintos e escravos dos mandarins?

Evidentemente, o povo da China não queria um regime que abolisse a propriedade da terra. Ao contrário. Desejava essa propriedade, através de uma reforma democrática. Os chineses queriam, apenas, fazer o que os Estados Unidos haviam feito na época de Lincoln, dando, através da propriedade privada, as bases físicas do desenvolvimento industrial.

Mas os nobres chineses nem por sonho queriam abdicar dos seus "direitos divinos" de receber, todos os anos, na festa dos Deuses, as oferendas de seus servos... Terminaram perdendo oferendas, terras e a própria cabeça que, de resto, pouco lhes havia valido, já que não sabiam pensar em consonância com o seu tempo. O resultado final todos conhecem...

Guardadas as devidas proporções e situado o problema mais no terreno político, presenciamos o mesmo espetáculo em nossa terra.

### III

Não se compreende e nem se procura compreender os problemas da Revolução Social Brasileira. Apresentamos um dos maiores índices de mortalidade infantil do mundo. Mas isto não preocupa as chamadas elites políticas. Parece preocupar apenas aos comunistas que, então, surgem na arena como campeões da luta em defesa dos pobres... e quando alguém, de espírito democrático e progressista, aventa os reais e verdadeiros problemas brasileiros, é logo acusado de comunista pelos homens de visão estreita que se apegam a seus privilégios.

As camadas dirigentes no Brasil — os políticos, com raras exceções — engalfinham-se numa luta violenta que vai enfraquecendo e desmoralizando as instituições. Últimamente verifica-se uma troca gentil de insultos entre homens de responsabilidade que, assim, cumprem a contendo uma das grandes tarefas que caberia ao Partido Comunista, ou seja, desmoralizar completamente o Poder. Disse Lenine: "A fim de chegar a ser um comunista o operário deve fazer uma idéia clara da natureza econômica e da fisionomia social e político do latifundiário e do padre, do dignitário e do camponês, conhecer seus lados fortes e seus lados fracos". E prossegue dizendo que, para isto, é necessário fazer "denúncias políticas". Que são as denúncias políticas? Diz Lenine: "Essas denúncias políticas, que abarcam todos os aspectos da vida, são uma condição indispensável e fundamental para educar a atividade revolucionária das massas".

E continua: "Pegar alguém em flagrante delito e desmoralizá-lo imediatamente diante de todos e por toda a parte, produz maior efeito que qualquer "chamamento" e exerce muitas vezes uma influência tão grande que, mais tarde, nem se pode sequer determinar quem foi, exatamente, quem "chamou" a multidão e quem, exatamente, lançou tal ou qual plano de manifestação".

No Brasil o Partido Comunista não precisa fazer "denúncias políticas". Elas são feitas, diariamente, em conceituados e vetustos jornais, pelas camadas e políticos dominantes que, em sua cegueira, em sua vaidade, em seu egoísmo, fecham os olhos à realidade e desmoralizam, sistematicamente, o

Poder. Não se trata, sequer (como já se viu fartamente...) de denúncias visando purificar o Poder, o que seria bom, mas simplesmente de ataques de sordenados, e não raro injustos, de um grupo contra outro grupo, objetivando apenas a conquista de posições pessoais.

Temos, pois, duas características fundamentais que impedem a marcha da Revolução Social no Brasil:

1) desconhecimento ou ignância propositada da realidade social existente num País subdesenvolvido como o nosso; isto determina uma resistência a todos aquêles que (especialmente os jovens) querem enfrentar a realidade nacional e buscar formas e soluções para os nossos problemas. A êstes só resta um caminho: silenciar, afastar-se da vida pública, ou apoiar-se nas esquerdas;

2) falta de compreensão do que seja unidade ideológica e unidade política. O problema político deve subordinar-se ao problema ideológico, de onde se conclui que diferentes facções podem divergir politicamente, mas devem — especialmente nos momentos críticos — unir-se ideologicamente. Dessa incompreensão resulta uma luta sem quartel e sem limites pelo poder, fazendo com que determinadas facções e determinados políticos passem a fazer qualquer jôgo, inclusive dos comunistas, para desmoralizar o poder (desde que não estejam nêle...) esquecendo-se de que, assim, não estão atingindo êste ou aquele homem, mas tôda a instituição. Ela, então, sofre ataques em três frentes, a saber: a) da própria estrutura arcaica em que repousa; b) dos políticos em busca de poder; c) dos comunistas e das esquerdas em geral.

Estas duas características são negativas. Elas deixam o campo aberto aos comunistas. Não existe, até agora no Brasil, uma força política capaz de encaminhar a Revolução Social no sentido de uma solução democrática, progressista e, portanto, contrária a qualquer saída ditatorial, seja de direita, seja de esquerda.

A primeira característica diz respeito ao comportamento do homem frente à realidade, isto é, frente ao sistema econômico que as elites não querem modificar; a segunda característica diz respeito a problemas de superestrutura, isto é, a forma e o comportamento dos homens nas suas relações políticas, comportamento deplorável como se vê todos os dias.

Evidentemente, há uma interligação e uma influência recíproca entre os dois fatores. Mantém-se a mesma estrutura porque os homens são os mesmos e a estrutura não se modifica, porque os homens também não se modificam. Isto pode levar a uma solução violenta da crise social.

A situação, nestas circunstâncias, é grave e perigosa, especialmente se tivermos em conta que a revolução comunista como dizem seus teóricos — não se faz apenas na medida das forças do Partido Comunista, mas fundamentalmente na medida da fraqueza das forças democráticas.

No Brasil, a rigor, não existe uma força política democrática capaz de interpretar a realidade atual e lutar por uma solução normal e equilibrada da Revolução Social. Daí o desenvolvimento do comunismo, seja como força objetiva, seja como idéia ou, apenas, como expressão da revolta das massas não atendidas em seus legítimos anseios.

Que fazer?

Evidentemente, a vida não pára. A Revolução Social é objetiva. Sendo objetiva, prossegue em seu curso. Qual será o seu desfecho?

Isto dependerá muito da nova geração — e não de uma classe social como querem os comunistas. No mundo moderno as classes tendem a confundir-se e quase a nivelar-se. Marx mesmo não conseguiu, já em seu tempo, distingui-las em caráter definitivo e isto sempre constitui um problema difícil para seus seguidores. No "Manifesto Comunista" Marx enumerou nada menos de 8 classes — da nobreza rural até o proletariado urbano. Mas na sua obra "A luta de classes na França" vamos encontrar 7 classes, entre as quais Marx inclui até os vagabundos, que êle chama de "lumpem-proletariado". Finalmente, no livro "18 Brumário de Luiz Bonaparte", Marx aponta apenas 3 classes — os proprietários rurais, a burguesia e o proletariado.

Segundo Karl Marx, a Revolução deveria processar, fatalmente, por uma concentração violenta do capitalismo, pondo fim às pequenas empresas, e — de outro lado — por um crescimento inaudito do proletariado, cada vez mais pobre e mais miserável. Teríamos, assim, uma minoria insignificante de capitalistas e um número fantástico de operários, todos na mais completa miserabilidade.

Nos países desenvolvidos a realidade desmentiu Marx menos de 100 anos depois: as grandes concentrações de empresas não terminaram, mas criaram as empresas auxiliares. Cresceu, efetivamente, o número de operários. Mas o número de elementos médios aumentou de forma inimaginável.

Os operários atingiram níveis e condições de trabalho e salários que Marx estaria longe de imaginar. Impuseram-se tais limites à riqueza (veja-se o impôsto de renda nos Estados Unidos e os tributos à nobreza na Inglaterra, sem falar no Brasil onde o impôsto tem as características da captura de recursos para manter u'a máquina administrativa obsoleta), que o capitalista já não é aquela figura onipotente descrita por Marx, a viver nababescamente sôbre a miséria de milhões de proletários.

O ensino, a técnica, a democratização das escolas, que o Estado moderno coloca, relativamente, ao alcance de todos, abriram possibilidades sem igual a homens de tôdas as camadas sociais. O Humanismo atingiu um tal nível que a fraternidade começa a tomar corpo concreto, onde ninguém mais admite a exploração desenfreada do homem pelo homem.

Desta forma, a classe superior — que ao tempo de Marx estava envolta quase que no mesmo véu da casta — tornou-se aberta, havendo livre trânsito de uma categoria social para outra. O operário, protegido pelo sindicato, com 8 horas de trabalho e sábado inglês, seguro social, aposentadoria, férias e assistência social completa, não é mais — pelo menos nos países industriais desenvolvidos — o escravo do capital.

Finalmente — e isto é muito importante — Marx previa a vitória do socialismo nos países industrialmente mais adiantados — Alemanha, Inglaterra, França e Estados Unidos. E isto porque, nesses países havia um proletariado numeroso, "a classe explorada que deveria sepultar o capitalismo". Mas, ao contrário de suas previsões, o comunismo veio a triunfar nos países onde os operários eram poucos, falhos de consciência de classe e a indústria não estava desenvolvida. Por que isto? Justamente porque nos países mais atra-

sados as camadas dominantes, em face dêsse mesmo atraso, são fechadas e surdas a qualquer transformação. Perdem, assim, a liderança das massas populares, isolam-se, dividem-se em mil contradições, em mil ambições egoístas, dando oportunidade a que uma pequena minoria, no momento da crise social, tome o poder. Foi o que aconteceu na Rússia e, mais tarde, na China. Nos países mais adiantados, havendo também uma consciência dirigente mais esclarecida, buscam-se outros caminhos para dar seqüência à Revolução Social.

Portanto, o problema não reside em substituir uma classe por outra no Poder, já que isto não tem sentido dada a elasticidade, nos dias de hoje, dos diferentes grupos econômicos empenhados na produção. O problema reside na formação de uma liderança esclarecida, aberta, progressista, culta, capaz de olhar a realidade de frente e realizar as transformações reclamadas pela Revolução Social.

É o que falta nos países subdesenvolvidos.

No caso brasileiro isso dependerá muito da juventude — dos homens de espírito jovem — já que as velhas elites falharam e hoje entredevoram-se em seus próprios apetites, desmoralizando-se dia a dia.

Na medida em que a Nova Geração tomar consciência de seu papel, será possível forjar-se uma liderança nova. Essa liderança poderá, então, influir no processo do desenvolvimento da Revolução Social brasileira visando uma solução progressista, harmônica e democrática para a crise em que nos debatemos. Aqui é que vai se exercer o papel positivo do homem no curso da história, trazendo para a vida pública aquilo que todos desejam: uma força capaz de encarar de frente a nossa realidade, sem medo, sem titubeios, vendo o que somos e dando soluções objetivas aos nossos problemas, revolucionando a produtividade para colocá-la em consonância com as necessidades coletivas.

O destino do País, hoje mais do que nunca, está nas mãos de seus moços.

Não esqueçamos, porém, que "espíritos jovens habitam corpos velhos e, também espíritos velhos habitam corpos jovens".

A juventude é um estado de espírito — um estado de espírito permanentemente revolucionário.